



## ACAMPAMENTO CACHOEIRA/SERINGAL: PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA EDUCAÇÃO E LUTA PELA TERRA

GT 14- Movimentos Sociais e Educação

**Trabalho completo**

Nelbi Alves da CRUZ - UFSC/ Universidade Federal de Rondônia – UNIR - nelbiac@unir.br

Agilson da Silva - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jean Piaget – [agilson-silva@seduc.ro.gov.br](mailto:agilson-silva@seduc.ro.gov.br)

### Resumo

O trabalho em tela objetiva refletir sobre o processo educativo durante o acampamento, em que as trezentas e cinquenta famílias estavam buscando melhores condições de “sobrevivência” e terem garantido o direito à terra. Teve por base teórica Freire(1996), Dussel(1995), Frizzo(2024), entre outros. Metodologicamente se utilizou da história de vida, com a abordagem sociohistórica, tendo como instrumento de coleta a entrevista, observação participante e documentos envolvendo os hoje assentados. Os resultados indicaram que o acampamento educa as pessoas, ajudando-as tomar consciência de seu papel social e de luta pela terra e defesa dos valores da família camponesa.

Palavras-chave: Acampamento. Educação. Camponeses.

### 1 Introdução

A vida dos trabalhadores rurais brasileiros, desde a invasão portuguesa foi marcada por expropriações, exploração e vários tipos de violência, quando se trata, principalmente do direito à terra, educação, moradia, saúde, ou seja, de elementos para garantir a própria reprodução da vida e de suas famílias. Num primeiro momento escravizaram os indígenas, em que Estado e igreja, como irmãos siameses, unem-se, um para catequizar, ao considerá-los, gentios, sem Deus, sem religião e o outro fazê-los produzir pelo trabalho forçado, a fim de sustentar a coroa portuguesa.

[...]. Mas, já de início, viram nos índios nada mais que selvagens, urna massa humana a ser cristianizada. Após os primeiros contatos pacíficos, os Tupinambá (o povo mais numeroso do litoral brasileiro) começaram a se enfraquecer em função das doenças trazidas pelos estrangeiros, para as quais não tinham anticorpos e das guerras travadas contra eles, resultantes das disputas pelo território brasileiro entre franceses, holandeses e portugueses

Nesse sentido, nossos primeiros agricultores foram os indígenas, que vêm sofrendo com as intervenções do branco, a ponto de quase exterminá-los. No entanto, embora houvesse tais contatos, os povos indígenas nos mostram como entender a floresta, a terra, a fauna, flora, as águas e tudo o que promove a vida. Ressalta-se apesar de todos esses avassaladores golpes

contra seus territórios, os povos indígenas continuam a praticar sua agricultura, preservam ainda alguns costumes e tradições, e, em específico, em relação ao trabalho com a terra.

No tocante ao Assentamento Cachoeira, também conhecido por Seringal e 25 de julho passou por etapas a até a oficialização, demarcação e distribuição dos lotes às 350 famílias que ocuparam a terra em 25 de julho de 1989, na referida fazenda que cultivava seringa e a época não atendia ao fim social da propriedade da terra, sendo assim designada para ser desapropriada, a fim de realizar a reforma agrária, que segundo o Estatuto da Terra em seu Art. 18, tem por finalidade:

- a) condicionar o uso da terra à sua função social;
- b) promover a justa e adequada distribuição da propriedade;
- c) obrigar a exploração racional da terra;
- d) permitir a recuperação social e econômica de regiões;
- e) estimular pesquisas pioneiras, experimentação, demonstração e assistência técnica;
- f) efetuar obras de renovação, melhoria e valorização dos recursos naturais;
- g) incrementar a eletrificação e a industrialização no meio rural;
- h) facultar a criação de áreas de proteção à fauna, à flora ou a outros recursos naturais, a fim de preservá-los de atividades predatórias. (BRASIL, 1964, p.6).

Esse Estatuto, ainda assevera em seu Art. 2º, que é assegurada a todos a oportunidade de acesso à terra, condicionada pela sua função social, destacando em seu parágrafo 1º que:

A propriedade da terra desempenha integralmente a sua função social quando, simultaneamente: a) favorece o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores que nela labutam, assim como de suas famílias; b) mantém níveis satisfatórios de produtividade; c) assegura a conservação dos recursos naturais; d) observa as disposições legais que regulam as justas relações de trabalho entre os que a possuem e a cultivam. (*Idem*, p.6).

No caso da fazenda Seringal, ela não cumpria a função social designada por esse estatuto, sendo então passiva de ser desapropriada para famílias de sem terra, ávidos de desejos em plantar e ter seu pedacinho de terra. Nesse sentido, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), de Rondônia organizou os trabalhadores sem terra - meeiros, assalariados, pescadores, arrendatários, posseiros, vaqueiros, jovens e outros camponeses, a fim de realizar a ocupação da referida fazenda. Segundo um dos entrevistados, tudo isso é feito reuniões antes para estudar e tomar consciência do lugar dos agricultores na relação com o capital, porém ninguém fica sabendo nem o dia e hora a ser feita a ocupação da terra.

O trabalho é resultado de um recorte do projeto de pesquisa “Memórias e histórias do Assentamento Cachoeira: contribuições e impactos no município de Espigão do Oeste - RO, cujo objetivo central é Compreender as histórias e memórias dos fundadores, construtores e lideranças que fizeram surgir e funcionar o Assentamento desde a formação dos grupos aos



dias atuais e seus impactos na cidade de Espigão do Oeste- RO,

Metodologicamente optou-se pela história de vida, na medida em que a coleta dos fatos, passagens da vida de pessoas simples, que tiveram de enfrentar chuvas, doenças, “guachebas” ou jagunços e tantas outras dificuldades durante o tempo que ficaram embaixo da lona preta. Utilizou-se a abordagem a sociohistórica, envolvendo o contexto das narrativas dos assentados. Para a coleta de informações buscou-se utilizar a entrevista semiestruturada, em que foram gravadas ou filmadas, transcritas e transcritas; a observação participante da atual situação das casas e seus arredores, produção, eventos comemorativos, igrejas, escolas, entre outros aspectos importantes para a pesquisa; a busca por documentos como títulos de propriedade, ferramentas, equipamentos e fotografias. Essas informações foram organizadas e sistematizadas por meio da semelhança de questões e temáticas, fazendo a análise de conteúdo expresso nas falas, gestos, imagens, trejeitos dos envolvidos na pesquisa.

Os resultados parciais indicaram que o acampamento é uma grande escola para identificar aqueles que realmente desejam e lutam pela terra; os comportamentos ideológicos comuns existentes na vida camponesa, em especial; o papel das lideranças foi fundamental para a conquista da terra; a organização adotada em comissões funcionou com resultados satisfatórios, apesar dos problemas que existiram; no acampamento se fortaleceram as lutas para educar as crianças, jovens e adultos, na medida que ninguém educa ninguém, nos educamos no coletivo. (FREIRE, 1996).

## **2 Memórias e história do acampamento: estrutura, organização e vivências**

A memória de um povo tem na ancestralidade a base para a transmissão de valores, atitudes, idéias, comportamentos, modos de vida das gerações, que em muitos casos os contemporâneos a desconhecem, e, meio sem saber e compreender, a praticam. A resistência e luta pela terra foi marcada pela dominação dos donos dos meios de produção, que gulosamente querem ser os donos de tudo e de todos, a fim de obter o maior volume de lucro possível, enquanto os dominados buscam cotidianamente formas de resistir a esse “pé de boi” que os oprimem, tentando organizar-se coletivamente para adquirirem um pedaço de terra e um lugar ao sol para viver melhor.

O acampamento em seu sentido etimológico significa “um período provisório que grupos de pessoas possuem objetivos comuns ou equivalentes a conquistarem, seja a terra, questões religiosas, militares, turismo, entre outros fins (Holanda, 1986). No nosso caso, o acampamento de trabalhadores rurais sem terra, o objetivo é a conquista pela terra, visto



também como algo provisório, porém, a título exemplar, o “Acampamento Che Guevara, localizado no município de Alto Alegre dos Parecis, em Rondônia, encontra-se nessa condição há mais de 25 (vinte e cinco) anos, devido a morosidade de órgãos públicos, que não conferem aos acampados o título da terra, embora eles estejam plantando, produzindo e vivendo na referida terra.

A criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tem sua marca em acampamentos anteriores protagonizados pela luta democrática da terra e da sociedade. Segundo o Boletim de depois jornal Sem Terra, o MST “Quem Somos”:  
<https://mst.org.br/nossa-historia/84-86/>

Em 1984, os trabalhadores rurais que protagonizavam essas lutas pela democracia da terra e da sociedade se convergem no 1º Encontro Nacional, em Cascavel, no Paraná. Ali, decidem fundar um movimento camponês nacional, o MST, com três objetivos principais: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país. [...].  
Eram posseiros, atingidos por barragens, migrantes, meeiros, parceiros, pequenos agricultores... Trabalhadores rurais Sem Terra, que estavam desprovidos do seu direito de produzir alimentos. [...].

A partir desse marco histórico da criação do MST “pipocam” ocupações por vários estados e a organização se expande e os sinais da consolidação aos poucos vão se afirmando em acampamentos dos trabalhadores, combinado com a eminente abertura política do país, com o movimento das “Diretas já”, saindo parcialmente do regime de ditadura dos militares. Junto com os acampamentos cresce também a violência do latifúndio, que a todo custo deseja manter suas posses improdutivas e sem atender o fim social a que se destina a terra. Segundo Rios (2005, p. 130),

A emergência deste movimento revelou a existência de tensões estruturais ainda não solucionadas em nosso país, cuja história está profundamente marcada, por um lado, pela manutenção da elevada concentração da propriedade da terra, por outro, pela existência de grandes contingentes populacionais destituídos das condições de acesso a trabalho, relegando estes grupos a uma condição de marginalidade social.[...].

O acampamento Seringal foi o primeiro a ser feito pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Rondônia, sendo nomeado pelas lideranças de “25 de julho” e contou com os apoios de comunidades da igreja Luterana e Católica, tendo por fundamento, a segunda, a teologia da libertação e a Comissão Pastoral da Terra (CPT). Portanto, se olharmos em maior profundidade o MST foi gestado pela proposta religiosa cristã. Segundo Dussel (1995, p.18),

A experiência inicial da filosofia da libertação consiste em descobrir o “fato” opressivo da dominação, em que sujeitos se constituem senhores de outros sujeitos, no plano mundial (desde o início da expansão européia em 1492; fato constitutivo que deu origem à “Modernidade”), Centro-Periferia; no plano nacional (elites-

massas, burguesia nacional-classe operária e povo); no plano erótico (homem-mulher); no plano pedagógico (cultura imperial, elitista, versus cultura periférica, popular, etc.); no plano religioso (o fetichismo em todos os níveis), etc.

Nesse sentido, a teologia da libertação fortaleceu o surgimento de pessoas da base que tornaram lideranças importantes na igreja católica, partidos políticos, sindicatos, movimentos de “esquerda”, tanto na cidade como no meio rural, o que fortaleceu a luta pelos direitos fundamentais para a reprodução da vida.

## **2.1 O acampamento Seringal/Cachoeira: saberes-fazer e aprendizagens**

Os momentos que antecedem o acampamento de sem terra em geral há uma liderança que é mais crítica e compreende a importância da organização camponesa para buscar o que lhe denominam de mais importante, a terra. Terra essa que deve ser livre, bem cuidada, amada, protegida e que se está imbricado em suas entranhas. Portanto, precisa-se ter uma visão do ser humano como parte da natureza/terra. O trabalho de conscientização e preparo acontece alguns meses antes do dia de ir para a ocupação, em que as famílias se reúnem em grupos para compreender seus problemas para reprodução da vida e suas causas e conseqüências em sua cotidianidade.

Em outra dimensão estão aquelas pessoas encarregadas de ir sondando as possibilidades de terras que estão dentro dos padrões para serem objetos da reforma agrária, conforme determina o Estatuto da Terra. Ao tomar conhecimento dessas áreas as lideranças do Movimento estudam a melhor forma de realizar a ocupação. Antes do fato ser consumado nos grupinhos já se discutem as necessidades para o dia D, esclarecendo o que pode e deve ser levado pelas famílias, comportamentos, cuidados a serem vivenciados, entre outras orientações pertinentes. Levam o básico para alimentar-se por um curto período de tempo; lona preta; cordas; pregos; ferramentas e utensílios básicos (facão, enxada, foice, enxadão, panelas, talheres etc); roupas pessoais; materiais de limpeza, sendo todos o mínimo possível para que caibam no caminhão ou ônibus que irão levá-los até o acampamento. No Seringal, um dos entrevistados relatou que:

Fui um dos primeiros a descer do caminhão e já fui cortando a cerca e derrubando a porteira da fazenda. A festa foi bonita demais. O povo foi descendo dos caminhão e já procurando um lugar para montar sua barraca de lona preta. Chegamos ali na Cachoeira, porque ia facilitar água para o povo beber. Uns foram pegando as foices e limpando a área das barracas, outro foi vendo e separando os alimentos trazidos. Todo mundo animado, mas meio com medo. (INFORMAÇÃO VERBAL)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Informação cedida pelo Entrevistado 10, em Maio de 2024, Assentamento Cachoeira- Espigão do Oeste - RO



A consciência dos camponeses em enfrentar tal ação política está pautada na necessidade de ter um pedaço de terra e por a terem “somente embaixo da unha” e as condições de precariedade que vivenciam desde suas infâncias e ancestralidade, na maioria dos casos, ou seja, o sistema ao qual nasceram os explora, expropria e os colocam nas piores condições de vida, tendo malmente capacidade de reproduzir sua força de trabalho e de suas famílias. Nesse sentido, Lenin (1963, p. 716-718), afirma que:

[...]. Enquanto o capitalismo sendo o que é, o capital excedente não será usado para elevar o padrão de vida das massas num determinado país, pois isso significaria uma redução dos lucros dos capitalistas, mas será usado com a finalidade de obtenção de lucros crescentes por meio da exportação de capitais a países atrasados. Nos países atrasados, os lucros são habitualmente elevados, pois o capital é escasso, o preço da terra é relativamente baixo, os salários são baixos, as matérias-primas são baratas [...]

Vivendo nesse sistema e não tendo ainda força de rompê-lo de forma imediata, resta ir penetrando conjunturalmente nas suas fissuras e fazendo a reforma agrária. Assim, a data oficial da ocupação foi na madrugada de 25 de 1989, na Fazenda Seringal, por 350 (trezentos e cinquenta) famílias, totalizando aproximadamente 1200 (Hum mil de duzentas) pessoas.. Então, segundo um dos entrevistados havia as comissões de: Segurança, Alimentação, Saúde, Educação, Trabalho, Transporte, Negociação, Limpeza, Produção; entre outras que necessitaram no primeiro momento. No entanto, nesse trabalho daremos destaque a apenas três comissões, na medida da encurteza deste trabalho.

A Comissão de Segurança ficava responsável pelo controle da entrada e saída das pessoas do acampamento; vigia constante das intermediações; avisar a todos qualquer sinal de alerta; correr as divisas da área; identificar pessoas diferentes do grupo dos acampados; garantir a seguridade das pessoas; está sempre de prontidão para o caso de qualquer violência dentro do acampamento; manter um clima harmonioso entre as pessoas; e , está articulado com as outras comissões dentro da estrutura montada naquele *espaçotempo*. Ressalta-se que uma das estratégias utilizadas nessa ocupação foi cada pessoa receberia um apelido e só seria conhecido entre as pessoas acampadas, para evitar serem reconhecidos por jagunços, fazendeiros, policia e outros que não apoiavam o MST e suas ocupações de terra. Apresenta-se alguns deles, a título exemplar: Jacaré, Prefeito, Traíra, Macacão, Quarenta, Garrincha, em que para cada um deles havia um significado e sentido para todos.

Fig. 1: Acampamento Cachoeira, 1989.



Fonte: Arquivo do Assentamento Cachoeira, Julho de 1989. Espigão do Oeste- RO.

No tocante a saúde a comissão se encarregava de orientar, coordenar e administrar tudo o que se referia a prevenção e cura das doenças dos acampados, e, para isso fora construído um espaço para farmácia e todos que haviam levado algum remédio os colocavam em comum e havia muitas pessoas conhecedoras de remédios caseiros/naturais que poderiam ser encontrados na floresta Amazônia e que lá havia com certa abundância.

Outra figura muito lembrada nas narrativas foi a “Maria Xarope”, que se tornou uma figura importante ao assumir a comissão da Saúde, pois segundo os relatos, ela não media esforços para realizar campanhas de remédios, visitar as pessoas doentes, orientar as pessoas e todas as atividades inerentes a esse setor.

A comissão de Alimentação foi também muito importante, sem desmerecer as outras, pois garantiu a sobrevivência dos acampados. Foram feitas campanhas de alimentos nas comunidades, sindicatos, e instituições que apoiavam o movimento. O cardápio era definido de acordo com o que existia na barraca feita para guardar os produtos arrecadados. O preparo da comida era feito por pessoas que se disponibilizavam, incluindo também homens, a fim de quebrar o preconceito machista predominante na sociedade. Outro aspecto é que a alimentação era de maneira coletiva, a fim de educar as pessoas a respeitar os limites do outro e comportar-se com educação e solidariedade, iniciando pelas crianças e se estendendo aos adultos e idosos. Na medida do possível era oferecido café da manhã, almoço, café da tarde e o jantar, fazendo filas para servir a comida, sendo dosado pelas pessoas que se tornavam “garçons”, a fim de terem o controle e alimentar a todos.

A questão da alimentação pode-se dividi-la em dois pontos importantes: o primeiro, antes da produção da roça, em que a comida era escassa e chegava apenas por doação das instituições informais, ou religiosas como: católica ou luterana e grupos ligados à



permanência do homem na terra. Revelações de moradores nos dão conta, de que o feijão era carunchado, mas, tinha que comer, pois não havia outra coisa pra comer. Às vezes fazia molho de mamão que tinha em algum sítio por perto. Outro fator apontado é o pós-colheita, onde havia uma fartura imensa de produtos a ser ofertado a todos os moradores, é momento onde eles se sentem empossados nesta terra, pela fertilidade da terra frente a colheita.

No Acampamento, de início, havia assembléia todos os dias, a fim de avaliar e dirimir os fatos ocorridos de um dia para outro e fazer os ajustes necessários para o bom funcionamento do acampamento. Nesse sentido, algumas dificuldades eram comuns nessas assembléias: falta de comida, pessoas que estavam doentes, falta de remédio, situação dos barracos, negociação com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA); relatos das comissões, educação das crianças, silêncio no local, entre outras dificuldades. O aprendizado adquirido foi o exercício de escuta das pessoas; respeito ao outro; expressar em público; aquisição de consciência coletiva; eliminação ou redução de alguns vícios ideológicos como espontaneísmo, auto suficiência, imobilismo, entre outros existentes no grupo; restauração dos ânimos para o caso de despejo e algum tipo de violência que poderia haver; aumento da crença na capacidade para conquistar a terra, e, acima de tudo, aprender a organizar-se coletivamente para alcançar os objetivos.

O despejo aconteceu a poucos dias da ocupação e o acampamento só mudou de local, indo para a sede do INCRA no município de Pimenta Bueno, vizinho de Espigão do Oeste, ficando por lá um tempo maior até as negociações avançarem com o fazendeiro, que havia conseguido a reintegração de posse. Depois de muito diálogo, pressão e lutas o INCRA adquiriu uma parte da terra ocupada anteriormente e nem todos retornaram para o mesmo local ocupado, e em pouco tempo as famílias já foram para os lotes.

O processo vivenciado por questões de consciência, necessidades, preservação da vida, medo, influências externas e outras razões subjetivas objetivadas alguns desistiram dessa travessia que envolveu a força repressão do estado, que culminou na morte do delegado de polícia, respingando no acampamento, havendo prisão de um dos entrevistados, em que este relatou chorando em alguns momentos:

Chegaram aqui em casa e a policia me levou preso lá para o Espigão. Me espancaram bastante que sinto dores nas costas até hoje, depois de todo esse tempo. Fui levado para o hospital. Eles acharam que eu estava envolvido na morte do delegado, mas estava inocente e não sabia de nada, e, por isso batiam e batiam. Consegui sair do hospital, meio que escondido e fiquei vim a pé caminhando pela estrada e quando escutava um barulho qualquer me enfiava no mato. Foi assim uns

três dias até chegar em casa. Passei fome e tudo, mas consegui meu pedaço de terra. INFORMAÇÃO VERBAL<sup>2</sup>.

A classe dominante usa de diversos aparatos para manter-se, inclusive utilizando a força, na medida em que esses acampados e todos os trabalhadores decidem lutar por seus direitos constitucionais, não sendo por acaso, presos, torturados, serem taxados de “baderneiros”, vagabundos”, “arruaceiros” , “invasores de terras”, a fim de moldar os indivíduos e convencer a sociedade que estes devem ser eliminados socialmente. Em geral o discurso está amparado em bases legais, que diga-se de passagem são feitas por representantes, em sua grande maioria, pelos mesmos que estão representando esse domínio. O poder ideológico desses ditames passa pelos meios de comunicação, religião, escola e todos os meios possíveis, e, na atualidade, em destaque, pela difusão de notícias falsas (*fakenews*) nos diversos aplicativos, a fim de propagar tais idéias próprias do senso comum e do irracionalismo (Frizzo, 2024), fabricando verdades para aqueles que ainda não processaram o conhecimento elaborado que os permitem enxergar os delírios transmitidos.

### 3 Considerações

O acampamento como momento preliminar ao assentamento se torna uma lição de vida para todos os que ali se integram, interagem e somam suas experiências culturais, educativas, econômicas e organizativas. A ansiedade de saber que a qualquer momento pode chegar a policia, jagunços, “justiça” e representantes membros da classe dominantes fazendeiros, madeireiros, no caso do Cachoeira, a tensão faz parte da rotina e obriga a todos os acampados, sejam eles crianças, jovens, homens, mulheres e idosos, a sempre pensarem em formas alternativas e planejarem as possíveis saídas da relação de forças que está por vir.

A força das mulheres foi imprescindível no acampamento, pois formaram a linha de frente para encontrar os policiais, que a mando do Estado, são obrigados disciplinarmente a cumprir as determinações do juiz que emitiu tal ordem de despejo e a reintegração de posse. A sabedoria das lideranças é crucial para abrir as negociações com os que têm o poder de decisão, ou seja, o INCRA, os poderes políticos municipal, estadual e federal, a magistratura, igrejas, o MST e todos os que possam de algum modo intervir para que não haja derramamento de sangue e mortes, como o ocorrido em agosto de 1995, no município de Corumbiara, que tornou-se um massacre, e até hoje há pessoas, ditas poderosas com as mãos manchadas de sangue e horrores.

---

<sup>2</sup> Informação cedida pelo Entrevistado 18, em março de 2024, Assentamento Seringal – Espigão do Oeste - RO



Por ter se tornado o primeiro acampamento do MST trouxe lições importantes para os outros que vieram acontecer, mas pelo sucesso obtido, de outro lado a classe dominante já havia criado a União Democrática Ruralista (UDR), que defendia os interesses do latifúndio, judicialmente, fazendo leilões para levantar fundos para aquisição de armas e contratar jagunços, a fim de guardar suas propriedades e silenciar lideranças sindicais e de movimentos sociais do campo ou da cidade.

O papel do MST foi fundamental para conquista da terra e esse aprendizado baila nas mentes e prática de uma parte considerável dos hoje assentados, sendo mais restrito aos que adquiriram lotes dos primeiros acampados, que por razões diversas e dificilmente por escolhas voluntárias foram viver em outros espaçostempos. A luta continua!!!

#### 4 Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei Nº 4.504, de 30 de novembro de 1964. Dispõe sobre o Estatuto da Terra, e, dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 30 nov.1964.

DUSSEL, Henrique. **Filosofia da Libertação**: crítica à ideologia da exclusão. Trad. de George I. Maissiat. São Paulo: Paulus, 1995.

FERNANDES, Joana. **Índio – esse nosso desconhecido**. Mato Grosso, Cuiabá: Editora UFMT: 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários para a prática educativa. 25.ed. São paulo: Paz & Terra, 1996. Coleção Leitura.

FRIZZO, Giovanni. **Universidade popular: concepção latino-americana de universidade**. São Paulo: ICP, 2024.

HOLANDA, Aurélio Buarque. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed. editada e revisada. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1986

LENIN, Vladimir. **Imperialismo**: o Estágio correto em obras selecionadas. Volume 1, Moscow, 1963.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). **Quem Somos**. Disponível em <https://mst.org.br/quem-somos/>. Acesso em Setembro de 2024.

RIOS, César Augusto. O MST, as instâncias do Estado para tratamento da questão agrária e a constituição dos assentamentos rurais. IN: MOREIRA, José Roberto (org.); Maria José Carneiro ... [et.al]. **Identities sociais**: ruralidades no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 127 – 174.